

A CAPOEIRA PROIBIDA: INSTITUCIONALIZAÇÃO E ASCENSÃO SOCIAL

Márcio Nunes de Abreu*

RESUMO: *Nas últimas décadas, a Capoeira, que outrora foi motivo de perseguição e tortura dos adeptos da sua prática, tem se institucionalizado e conquistado um espaço significativo no cenário cultural dentro e fora do Brasil. O seu processo de ascensão social trouxe reconhecimento e valorização a uma manifestação cultural oriunda de um segmento social historicamente marginalizado e oprimido. No entanto, este processo não aconteceu sem a influência das elites dominantes. Através de depoimentos orais, fontes escritas e fontes eletrônicas, o presente trabalho pretende apresentar uma breve análise do processo de aproximação entre as culturas popular e acadêmica, na primeira metade do séc. XX, em Salvador, representadas respectivamente pelo mestre Bimba e estudantes da Faculdade de Medicina. Este trabalho também traz como proposta uma discussão acerca das implicações trazidas à Capoeira e seus praticantes pela sua institucionalização e de como as elites dominantes, ao se apropriarem de certas manifestações da cultura popular, passam a criar medidas que perpetuam a exclusão social.*

Palavras-chave: Capoeira; Cultura popular; Ascensão social.

Em 23 de julho de 1953, o então presidente da República Federativa do Brasil, Getúlio Vargas, após assistir no Palácio da Aclamação, em Salvador, a uma apresentação de Capoeira, dizia orgulhoso: “A Capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (Cf. ALMEIDA, 1994, p. 44). Mas a história não se faz apenas pelas palavras de um presidente. Ainda se passariam muitos anos até que esta declaração viesse a fazer parte do senso comum dos brasileiros, e o estigma em relação ao capoeirista ainda perduraria por algumas décadas.

Augusto Januário Passos da Silva, funcionário público e mestre de Capoeira, nasceu no Recôncavo Baiano, em junho de 1956. Há mais de três décadas que a Capoeira já havia sido oficializada pelo governo como “instrumento de educação física” (Cf. REGO, 1968, p. 315), e mestre Augusto Januário, ainda um garoto, não conseguira a aprovação do pai:

Desde de 74 que eu tenho vivência dentro da roda de Capoeira, mas a minha experiência de Capoeira é um pouquinho mais antiga [...] É que lá na minha terra tinha muitos capoeiristas [...] Depois que eu saí do interior e fui pra Salvador, fui morar na Fazenda Grande onde também era um reduto de capoeiristas [...] Eu era guri e meu pai não queria que eu jogasse Capoeira, me botou pra treinar boxe. Ele me botou pra treinar boxe porque Capoeira naquela época era uma arte de capitão de areia e todo pai que se prezasse não queria que o filho jogasse Capoeira, que era uma arte marginalizada [...] Meu pai só pôde me ver jogar Capoeira, eu já era monitor da faculdade, da UFBA. Eu fiz biologia na UFBA.

A força da decisão do chefe da família ganha vida na memória do filho quando, com os olhos baixos e um leve sorriso de canto de boca, numa mistura de vergonha e orgulho, mestre Januário lembra: “por felicidade ou não, o pessoal do grupo de boxe que ele me colocou pra

* Acadêmico do Curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural da Universidade Católica do Salvador (UCSAL); voltadomundo@hotmail.com; Orientador: Charles D’ Almeida Santana, Professor Doutor da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

treinar era todo mundo capoeirista”. “Por felicidade ou não”, diz mestre Januário, responsabilizando o acaso por forçar a Capoeira na sua vida. Não queria desobedecer ao pai. Foi o destino quem o quis capoeirista.

Desde o seu aparecimento, o capoeira foi considerado um marginal, um delinqüente o qual a sociedade devia vigiar e as leis penais perseguir e punir. Estes homens eram em sua maioria africanos escravizados no Brasil (Cf. SOARES, 1999, p. 151). O primeiro de que se tem notícia foi Felipe, nação Angola, de propriedade de Francisco José Alves e preso por capoeira em 10 de setembro de 1810 (Cf. SOARES, 2001, p. 73). A repressão aos capoeiras chegou ao seu ápice em 1890, quando a sua prática foi oficializada como crime pelo Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil (Cf. REGO, 1968, p. 292).

Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, nasceu em 1900. Começou a aprender capoeira aos 12 anos com um africano chamado Bentinho, capitão da Companhia de Navegação Baiana, na Estrada das Boiadas, hoje o famoso bairro negro da Liberdade (Cf. REGO, 1968, p. 268): “Naquele tempo Capoeira era coisa pra carroceiro, trapicheiro, estivador e malandros. Eu era estivador, mas fui um pouco de tudo. A polícia perseguia um capoeirista como se persegue um cão danado” (*apud*, ALMEIDA, 1994, p. 15-16).

Em seu depoimento, Mestre Bimba não faz qualquer distinção entre a malandragem e as outras atividades características do serviço urbano de ganho – ocupação majoritariamente negra até as primeiras décadas do século XX, em Salvador (Cf. BACELAR, 2001, p. 42-43). Malandragem e trabalho informal são apresentados como ocupações desenvolvidas pelo capoeirista, ou seja, pelo indivíduo perseguido pela polícia – “a polícia perseguia um capoeirista como se persegue um cão danado” – negros, em sua grande maioria. E prossegue dizendo que era estivador, mas que também foi “um pouco de tudo”, como quem deixa o dito por não dito.

No dia 05 de fevereiro de 1949, a Gazeta Esportiva de São Paulo publicou:

Mestre Bimba, o rei dos capoeiras da Boa Terra, que outrora foi a dor de cabeça das autoridades policiais¹ e o terror das outras rodas de capoeiragem, se regenerou, com carinho deu estilo à capoeira, tornando-a um esporte de muita utilidade para a defesa pessoal, tanto assim que na Bahia este esporte foi oficializado (*apud*, ALMEIDA, 1994, p. 38).

A Capoeira que mestre Bimba aprendeu e militou por muito tempo é o que se conhece por Capoeira Angola. Depois então foi que introduziu novos elementos, resultando no que chamou de Luta Regional Baiana ou Capoeira Regional (Cf. REGO, 1968, p. 268): “em 1928 eu criei, completa, a Regional, que é o batuque misturado com a angola. Com mais golpes. Uma verdadeira luta, boa para o físico e para a mente” (*apud*, ALMEIDA, 1994, p. 17).

Mestre Bimba, que foi o primeiro a abrir uma academia de Capoeira, após uma exibição com seus alunos no palácio governamental para o então Interventor Federal na Bahia, Juracy Magalhães, recebe, em 1937, da Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública, um certificado de registro oficial do governo, qualificando o ensino de sua Capoeira Regional como ensino de Educação Física (Cf. REGO, 1968, p. 282). Assim se deu o passo mais importante rumo à institucionalização e ascensão social da Capoeira.

A Capoeira alcançou os estratos sociais mais elevados da sociedade. Adentrou escolas, universidades, clubes e academias (Cf. HEINE, 2004). Está no cinema, na música, nas artes plásticas, na literatura e nos palcos teatrais (Cf. REGO, 1968, p. 317), encontrando-se em plena fase de expansão como forma de expressão lúdico-corporal no Brasil e no mundo. O seu processo de ascensão social trouxe reconhecimento e valorização a uma manifestação cultural

¹ O grifo é nosso.

oriunda de um segmento social historicamente marginalizado e oprimido. Nas palavras do pesquisador Frede Abreu,

Por mais que seja o seu grau desejado de civilização, de parecer com a Europa, França, Inglaterra, não sei o quê. Aquela negrada, cê não pode se livrar dela, tá entendendo? Ela tá ali presente. Ela é a força! E ela vem com uma cultura vencedora. Por mais que tivesse tido perseguição, por pior que seja a situação do negro, são uns caras que tão vencendo. Vencedores! Eles tão empurrando a cultura. O Bimba é isso! O Bimba é uma afirmação, cê queira ou não queira. Ele é uma figura vencedora. É o reconhecimento de uma comunidade, de uma cultura escrava, e ele é um dos portadores disso.

Frede nos fala de uma “cultura vencedora”; do reconhecimento de uma comunidade e de uma “cultura escrava”. Mas como se deu tal processo diante de tantos anos de perseguição? Que caminhos a Capoeira precisou traçar para enfim entrar no seu processo de ascensão social? Frede nos deixa uma pista: “o Bimba é isso!”. Voltemos a ele.

Manoel Rosendo, um dos mais antigos na academia do Mestre Bimba, sendo seu aluno desde 1927, conta que

Um dia chegou um rapaz que queria treinar com o mestre. Bimba então marcou outra hora, mas o rapaz insistiu, dizendo-se preparado, pois trazia uma pasta de curativos. O mestre indicou Atenilo, um seu aluno, para dar um treino, mas este recebeu um bom golpe do forasteiro e foi ao chão. O mestre gozou o aluno e a partir daí se tornou amigo do rapaz que chegara. Mais tarde, este moço, já o médico José Sisnando, que hoje reside numa fazenda perto de Feira de Santana, foi ao interventor da Bahia, Juracy Magalhães, e disse que a Bahia tinha uma excelente arma que não era explorada, e falou do mestre Bimba. Dias depois, o mestre dava uma exibição com seus alunos pra o Sr. Juracy Magalhães, que, a partir daí, liberou a prática da Capoeira, dando assim um passo para a sua ascensão social (*apud*, ALMEIDA, 1994, p. 19-20).

O processo de ascensão social da Capoeira se dá, dessa maneira, com a participação da elite socioeconômica de Salvador. Sisnando é, a um só tempo, responsável por uma intermediação diplomática entre a Capoeira e as autoridades governamentais, e por introduzir a Capoeira no meio universitário: “veio tudo no rastro dele. Ele era uma espécie de contra-mestre, testava os alunos” (*apud*, ALMEIDA, 1994, p. 18), conta o Dr. Ruy Gouveia, também ex-aluno de Bimba, lembrando que foi Sisnando quem motivou outros estudantes de medicina a entrarem na academia.

Essa aproximação cultural trouxe novidades para o universo da Capoeira. Mestre Bimba passou a instituir em sua academia procedimentos como o Exame de Admissão, a Formatura e os Cursos de Especialização na Capoeira Regional: “se Bimba não encontra Sisnando, ele não ia criar a palavra seqüência, calouro. Isso é linguagem acadêmica. Tem que saber que Bimba era analfabeto, pôxa!”, diz Dr. Ângelo Decânio, que é, dos que restaram, provavelmente o mais antigo da geração de estudantes de medicina que freqüentaram a academia de Bimba.

O processo dialético de dinamização da cultura abrange tanto aspectos materiais quanto não-materiais. No caso de uma aproximação entre culturas opostas, a exemplo das culturas popular e erudita na primeira metade do século XX, em Salvador, neste caso representadas respectivamente pela Capoeira e a Universidade, não se pode dizer que as escolhas são aleatórias e mecânicas, pois dependem das significações que a elas são atribuídas e dos juízos com que são hierarquizadas. Existe sempre uma mediação simbólica, que pode ser considerada como a

“instância da cultura” (MENEZES, 1999, *passim*).

Se por um lado Sisnando e seus colegas da faculdade de medicina aprendiam a Capoeira, uma “arte marginalizada”, “coisa pra carroceiro, trapicheiro, estivador e malandros”, por outro, Mestre Bimba adotava em sua academia formalidades típicas da cultura acadêmica. A partir dessa mediação simbólica, expressa por um interesse mútuo entre indivíduos provenientes de realidades sócio-culturais antagônicas, foi que se fez possível a aproximação que resultaria no processo de ascensão social da Capoeira.

No entanto, as transformações resultantes dos processos de assimilação cultural nem sempre se dão de maneira harmônica, como segue nessa passagem da obra do ilustre escritor baiano, Jorge Amado: “dez capoeiristas dos mais cotados me afirmaram, num amplo e democrático debate que travamos sobre a nova escola de mestre Bimba, que a regional não merece confiança e é uma deturpação da velha capoeira angola, a única verdadeira” (*apud*, REGO, 1968, p. 269).

As reações não foram unilaterais. Dr. Decânio lembra que,

Havia sim o preconceito contra o negro. Tudo o que o negro fazia era ruim. Então, quando eu era menino, não podia me dar com quem jogava ou fazia samba. Pra você ter idéia do preconceito, em 52, 53, por aí assim, eu já era professor titular de cirurgia da faculdade e apareci na televisão jogando Capoeira. Fizeram uma reunião do conselho pra me botar pra fora da escola. Você imagine o preconceito. Isso em 53.

Nesta passagem do seu depoimento, não foi difícil perceber o ar revolucionário com que Dr. Decânio conta como quase foi punido pelo conselho de medicina da Universidade por quebrar os padrões de comportamento estabelecidos pelo segmento social do qual fazia parte. Em relação a este momento de transição da história da Capoeira, Frede Abreu diz que

O Bimba também empreteceu os caras. Ele trás os caras pra outro referencial de cultura. Esses caras que são os porradeiros, esses caras que procuram Bimba pra brigar mermo, esses caras estão quebrando com valores de onde eles vêm, da família. Quem é o pai que queria ter um filho capoeirista? Ninguém queria que o filho viesse jogar capoeira. Então esses caras tão quebrando com um preconceito dentro de casa. Lá dentro do laço familiar.

E prossegue: “evidentemente que não vai fazer uma conversão do cara. Nem é pelo fato de tá todo mundo vindo pra cá, que tá deixando de ser racista, nêgo tá virando bom. Nem Angola nem Regional faz isso pra ninguém”.

Frede é um pesquisador da Capoeira. Não é capoeirista, nunca estudou medicina e nunca treinou na academia de Bimba. Quando nos concedeu esta entrevista, em 2003, Frede estava com 57 anos, o que faz dele apenas uma criança na década de 1950. O seu depoimento traduz em teoria uma realidade que não teve a oportunidade de vivenciar, mas que é confirmada pelas palavras daqueles que lá estiveram. Uma realidade que é recriada e revivida na memória do Dr. Decânio e que chega até nós na forma de depoimento oral.

Apesar de inicialmente ter despertado algumas reações negativas, Bimba e a sua Regional continuariam a caminhar no sentido da institucionalização e ascensão social da Capoeira. O número de indivíduos provenientes das camadas mais abastadas da sociedade soteropolitana que aderiam a sua prática aumentou progressivamente, e outros mestres de Capoeira passaram a seguir o exemplo de Bimba.

Em 1941, Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha, fundou com o nome de Centro Esportivo de Capoeira Angola a primeira academia de Capoeira Angola em Salvador (Cf.

REGO, 1968, p. 287). Mestre Pastinha viria, mais tarde, a ser conhecido como o guardião da tradição da Capoeira Angola. A partir de então, as figuras de Bimba e Pastinha seriam constantemente contrapostas como o grande inovador e o grande tradicionalista.

Estima-se que existam hoje, aproximadamente, seis milhões de praticantes de Capoeira só no Brasil (Cf. HEINE, 2004). A Capoeira se encontra definitivamente institucionalizada, e a função de mestre de Capoeira se transformou em profissão. Aquilo que outrora foi motivo de perseguição dos africanos e seus descendentes no Brasil tornou-se um eficaz instrumento de ascensão social para afro-brasileiros de baixa renda.

No Brasil, os problemas de exclusão social estão diretamente ligados às questões raciais. Nesse sentido, o potencial pedagógico da Capoeira tem sido reconhecido e amplamente utilizado em trabalhos sociais com o objetivo recuperar e fortalecer a auto-estima individual e coletiva dos afro-brasileiros.

Apesar da ascensão social e do reconhecimento que a Capoeira alcançou, as autoridades continuam a criar meios de perpetuar a exclusão social daqueles que deram origem a essa arte. Mais recentemente, em 1º de setembro de 1998, quando ocorreu a regulamentação da profissão de Educação Física, através da Lei Federal 9696/98, e a criação do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e dos Conselhos Regionais de Educação Física (CREF), aconteceram mudanças e implicações expressivas para a Capoeira e os que fazem dela um meio de vida.

A Lei Federal que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e que criou os respectivos CONFEF e CREF estipulou que, agora, para um mestre ensinar capoeira, é preciso ter diploma em Educação Física e Esporte. Ter nível superior passou a ser, dessa forma, obrigatório para a administração de aulas de Capoeira em todo e qualquer nível (Cf. HEINE, 2004).

As medidas adotadas pelo sistema CONFEF/CREF são no mínimo polêmicas. Dentro das condições estabelecidas, bastaria possuir a carteira de habilitação profissional para ter o direito legal de atuar profissionalmente como professor de Capoeira. Essas condições não garantem as qualidades e competências específicas para atuação na Capoeira. Com isso, percebe-se uma desvalorização não só do título de Mestre de Capoeira, mas de toda uma tradição de transmissão do conhecimento. Raimundo Mário, o mestre Ministro acredita que “essa determinação vai extinguir a capoeira, porque tem a história enraizada na origem de resistência social, tem o blefe, a música e a dança, a relação do aluno com o mestre, que nunca se aprenderá em faculdade” (*apud*, BOCHICCHIO, 2004). Mestre Ministro continua dizendo que os Conselhos Federal e Regional de Educação Física são,

Os novos capitães-do-mato que querem nos furtar a capoeira. Muitos mestres são semi-analfabetos, mas são doutores nessa arte. E se for depender de quem está na faculdade, quem é que vai no gueto, nas favelas, para botar a mão no chão e tirar os meninos da marginalidade através da capoeira? Tem de ser de lá pra fazer isso. (*apud*, BOCHICCHIO, 2004).

Em um país onde, dos 1,4 milhões de estudantes admitidos anualmente em universidades, apenas 3% são afro-descendentes (Cf. JETER, 2003), exigir que um indivíduo possua nível superior para atuar profissionalmente como professor ou mestre de Capoeira não passa de uma maneira de privar dos benefícios da sua ascensão social aqueles que, por mais de um século, foram perseguidos e punidos pela sua prática. Tantos anos se passaram, da senzala à favela, desde Felipe de Angola, passando por Bimba, até os novos mestres da capoeiragem. E ainda continuam a querer proibir o negro de jogar a Capoeira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raimundo C. A. **A Saga do mestre Bimba**. Salvador: Ginga associação de Capoeira, 1994.

Ângelo Decânio. Médico e ex-aluno do mestre Bimba. Entrevista em Abril de 2003. 60 min.

Augusto Januário Passos da Silva. Funcionário Público e mestre de Capoeira. Entrevista em Abril de 2005. 60 min.

BACELAR, Jéferson. **A hierarquia das raças**: negros e brancos em Salvador. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BOCHICCHIO, Regina. A Tarde Online, 2004. Busca no portal. Capoeira da resistência. Disponível em:

<http://www.atarde.com.br/busca/busca.php3?busca=Capoeira&pos=29&iMes=9&iAno=2004>

Acesso em: 15 abr. 2005.

Frede Abreu. Pesquisador e entusiasta da Capoeira. Entrevista em Maio de 2003. 60 min.

HEINE, Vinícius. **A formação profissional na capoeira**: o olhar dos grandes mestres. 2004. Projeto de dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – USP, São Paulo, 2004.

JETER, Jon. Affirmative Action Debate Forces Brazil to Look in the Mirror. **The Washington Post Foreign Service**, p. A01, jun 2003.

MENEZES, Ulpiano T. B. Os usos culturais da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999. p. 88-99.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola**: ensaio sócio etnográfico. Salvador: Ed. Itapuã, 1968.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A capoeiragem baiana na corte imperial (1836-1890). **Afro-Ásia**, Salvador, n. 21-22, p. 147-176. CEAO – UFBA. 1998-1999.

_____. **A capoeira escrava**: e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850). Campinas, SP: Editora da UNICAMP/Centro de Pesquisas e História Social da Cultura, 2001.